

ANÁLISE DA IMAGEM CORPORAL DE PARTICIPANTES DE UM CENTRO DE PRÁTICAS CORPORAIS¹

Laylla Lanucy Brito Almeida

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

Resumo

A busca pelo corpo ideal está atrelada à insatisfação com o corpo atual e tem gerado problemas irreversíveis na sociedade. O objetivo deste estudo é analisar a imagem corporal (IC) de participantes de um centro de práticas corporais. Trata-se de um estudo transversal, descritivo e correlacional que utilizou da escala de nove silhuetas de Stunkard et al. (1983) para a mensuração da IC. Observou-se que mais de 70% da amostra está insatisfeita com o seu corpo atual, no qual, a maioria (47,69%) está insatisfeita por excesso de peso. Na análise por sexo, mulheres demonstraram maior insatisfação em relação aos homens ($p < 0,05$). Trata-se de uma amostra jovem, na qual a maioria tem o desejo de reduzir a silhueta procurando se aproximar do modelo de corpo ideal.

Palavras-chave: Imagem Corporal. Práticas Corporais. Adulto.

Introdução

A sociedade atual vive um momento em que aspectos como juventude, beleza e saúde são cada vez mais valorizados, ao ponto de ser demonstrada na literatura (LOVISOLO, 2006), e a representação do corpo sendo construída social e culturalmente em cada grupo social aponta para a necessidade de se discutir este tema. Com a influência da indústria cultural, através dos meios de comunicação, vários desejos são criados e imagens são reforçadas, desta forma, corpos são padronizados e disseminados de maneira geral. O reforço dado pela mídia em mostrar corpos atraentes impulsiona parte da sociedade a buscar uma aparência física idealizada, fazendo com que indivíduos “fora da medida” sintam-se cobrados e insatisfeitos (RUSSO, 2005).

Pessoas insatisfeitas com a imagem corporal tendem a adotar comportamentos de risco, como práticas corporais excessivas e hábitos alimentares extremamente inadequados. Assim, a presente pesquisa pauta-se em três pontos principais para justificar a sua realização: a) esse estudo é relevante por proporcionar a oportunidade de refletir sobre uma variável tão importante quanto à imagem corporal de participantes de práticas corporais em um grupo populacional específico; b) para a sociedade, a relevância se pauta na necessidade de atentar a população de como os discursos midiáticos têm apontado para um modelo de corpo que provoca insatisfação e; c) para a comunidade científica contribui cumulativamente com os trabalhos já existentes na literatura a fim de direcionar intervenções, seja por profissionais de educação física, sejam de outras áreas ou campos de intervenção.

¹ O presente trabalho não contou apoio financeiro de nenhuma natureza para a sua realização.

Portanto, a pergunta que norteia esta investigação é: qual é o nível de satisfação com a imagem corporal de adultos participantes de um Centro de Práticas Corporais a partir do Teste da Silhueta? A partir deste questionamento, o objetivo geral é analisar o nível de satisfação com a imagem corporal de adultos que realizam práticas corporais neste espaço específico.

Assim, para maior compreensão, este texto será dividido em três tópicos, sendo o primeiro uma análise do referencial teórico a respeito da imagem corporal, seguida da metodologia e, finalmente, a análise e discussão dos resultados.

Referencial teórico

O referencial teórico aqui presente será dividido na discussão sobre o histórico do debate da imagem corporal, os conceitos centrais e os aspectos socioculturais relevantes para o debate sobre o tema.

Histórico

Acredita-se que a história da imagem corporal tenha iniciado no século XVI, na França, quando o médico cirurgião Ambrósio Paré, observando comportamentos de indivíduos amputados, percebeu a existência de um membro fantasma. A literatura relata que mesmo sem o membro, os pacientes tinham atitudes normais, como se não faltasse nenhuma parte de seu corpo. Então, Paré caracterizou como a alucinação de que um membro ausente estaria presente e, a partir disso, em meados do século XIX demonstrou-se que a representação do corpo na mente (alucinações) poderiam ser mudadas por meio de tratamento ou em condições experimentais (GORMAN, 1965 apud BARROS, 2005).

Na escola britânica, os estudos sobre imagem corporal aprofundaram-se nos aspectos neurológicos, fisiológicos e psicológicos, e primeiro a usar o termo 'esquema corporal' foi o neurologista Henry Head, do London Hospital. Head também foi o primeiro a construir a teoria de que cada indivíduo constrói um modelo ou figura de si mesmo, constituindo um padrão contra os julgamentos da postura e dos movimentos corporais (FISHER, 1990 apud BARROS, 2005). O médico demonstrou que uma mudança postural poderia alterar o esquema corporal, e qualquer ação que participe do movimento consciente de nossos corpos é somada ao nosso modelo corporal, tornando-se parte deste esquema corporal (GORMAN, 1965 apud BARROS, 2005).

Alguns estudos mostraram que as percepções dos objetos encontram-se sob o mesmo campo da percepção corporal. Para esta afirmação, realizaram investigações sobre a influência das atitudes corporais e fatores externos na percepção do tamanho corporal, na separação e identificação de objetos como pertencentes ao corpo ou ao ambiente, e a relação da percepção com o crescimento maturacional individual (PEDRETTI, 2008).

Mas foi Paul Schilder que deu a maior contribuição aos estudos desta área, desenvolvendo suas pesquisas sobre imagem corporal tanto na neurologia quanto na psiquiatria e na psicologia. Schilder apresentou a imagem corporal como um fenômeno constituído de várias interfaces, e analisou no contexto orgânico, psicológico e sociológico. Uma de suas maiores contribuições foi a introdução da ideia de que a imagem do corpo não possui apenas fatores patológicos, mas os eventos diários também contribuem para sua construção (FISHER, 1990 apud BARROS, 2005).

A partir dos estudos de Schilder, o interesse em realizar pesquisas sobre a imagem corporal aumentou consideravelmente, e corrobora para isto o aumento dos casos patológicos, como os distúrbios alimentares que possuem incidências cada vez maiores (BARROS, 2005). A possibilidade de entender melhor como acontece o mecanismo de construção da imagem

corporal na mente pode contribuir de forma positiva para o tratamento em casos patológicos, e, além disto, minimizar os níveis de insatisfação com o próprio corpo.

Conceitos

Cash (1990 apud DAMASCENO et al., 2006), define imagem corporal como uma construção multidimensional que descreve as representações internas da estrutura corporal e da aparência física, em relação a nós mesmos e aos outros. Esta inclui a percepção de padrões culturais, da proximidade destes padrões e da importância relativa deste padrão para os membros de seu grupo social. Logo, a imagem corporal sofre influências de nossos desejos, atitudes emocionais e interações sociais, podendo ser definida de forma ampla como as atitudes relativas ao próprio corpo e, em particular, à aparência física (PEDRETTI, 2008).

A imagem corporal é um componente psíquico, sua formação ocorre por meio de estímulos de diferentes áreas do córtex cerebral pertencentes à zona terciária. Como se refere a um processo emocional estabelecido pelas imagens mentais formadas sem a presença do objeto, ocorre depois do reconhecimento e identificação daquilo que já se encontra gravado na mente, ou seja, a partir das experiências vivenciadas (FONSECA, 2008, p. 27).

Da maneira apresentada por Fonseca, a imagem corporal depende não apenas dos estímulos das diferentes áreas do cérebro, como depende de condições emocionais e sociais, relacionadas com as experiências de cada pessoa. Assim, as diferentes experiências são responsáveis, em dada medida, de contribuir para a formação da imagem corporal.

Para Schilder (1981), imagem corporal é a figuração tridimensional do próprio corpo formado na mente, ou seja, é a forma na qual o corpo aparece para o indivíduo. Essa representação é o reflexo da estrutura do corpo, da sua percepção no mundo, e é a base das atitudes emocionais relativas à corporeidade. Destarte, o conhecimento do corpo é produto de um processo contínuo, e apenas com a experiência do corpo no mundo, por meio de erros e acertos, esforços e tentativas, pode-se atingir o conhecimento organizado do corpo (SCHILDER, 1981).

As sensações que nos colocam em contato com o mundo e com nós mesmos ficam memorizadas em nosso córtex cerebral e em nosso corpo, criando uma espécie de mosaico perceptivo. Esse mosaico contém sensações táteis, auditivas, visuais, olfatórias, proprioceptivas, motoras e tantas quantas forem as experiências corporais armazenadas combinadas com componentes emocionais e cognitivos que se contextualizam no tempo e espaço. Todos esses fatores são acionados quando captamos a imagem corporal na nossa mente (FONSECA, 2008, p. 27).

Estabelecendo um diálogo entre Schilder (1981) e Fonseca (2008), a construção da imagem corporal perpassa uma série de experiências, criando no córtex uma imagem do corpo com base nas diversas experimentações decorrentes da pessoa com ela mesma, bem como, de seu contexto social mais amplo. Aparentemente, só se pode constituir a imagem corporal pela relação estabelecida entre os componentes neurais, as condições psicológicas dadas pelas vivências individuais e pela interação com o contexto social mais amplo.

De modo complementar, Coqueiro et al. (2008) conceituam imagem corporal como um fenômeno de componente afetivo, cognitivo, perceptivo e comportamental, no qual o componente subjetivo se refere à insatisfação com tamanho corporal e partes específicas do seu corpo. Logo, a percepção da imagem corporal é definida “[...] como uma ilustração que se tem na mente acerca do tamanho, imagem, forma do corpo e sentimentos relacionados a essas características, bem como as partes que a constituem” (COQUEIRO et al., 2008, p.32).

Finalmente, a

[...] definição mais aceita de imagem corporal é a de Slade como “a figura que temos em nossa mente a respeito do tamanho, da estrutura e da forma do nosso corpo e os sentimentos a respeito dessas características, da unidade do corpo e de suas partes constituintes”. Portanto, a imagem corporal é constituída por dois componentes, perceptivo e atitudinal: o componente perceptivo refere-se a como o indivíduo percebe seu corpo; o atitudinal é composto por sentimentos, pensamentos e ações voltadas ao corpo (COSTA; TORRE; ALVARENGA, 2015, p. 454).

Nesse caso, os componentes perceptivos e atitudinais podem provocar uma série de alterações tanto do componente perceptivo como do atitudinal, os quais podem acabar gerando uma série de insatisfações corporais, as quais podem ser provocadas, inclusive, por uma série de fatores socioculturais, os quais são discutidos a seguir.

Fatores socioculturais e imagem corporal

A literatura aponta que a Imagem Corporal é um importante componente de identidade pessoal, influenciada pelo sexo, idade, meios de Comunicação, relação do corpo com crenças, valores e atitudes dentro de uma cultura (FORTES et al., 2015; JAEGER; CÂMARA, 2015; QUADROS et al., 2010).

Neste sentido, Damasceno et al. (2006) afirma que as relações com o corpo são influenciadas por fatores socioculturais, e que tais fatores influenciam os indivíduos direcionando-os a desejos, hábitos, cuidados e descontentamentos com a aparência visual do corpo. Esse descontentamento por vezes faz com que o indivíduo apresente um conjunto de insatisfações e preocupações com a sua imagem de corpo (COSTA et al., 2015; JAEGER; CÂMARA, 2015; DAMASCENO et al., 2006).

Analisando esses fatores de modo isolado, estudos têm mostrado a relação existente entre tais fatores socioculturais e insatisfação com a imagem corporal (POVOA et al., 2012; FIDÉLIX et al., 2011; DAMASCENO et al., 2006). No que se refere à insatisfação entre homens e mulheres, existe uma forte tendência cultural em considerar a magreza como situação ideal de aceitação social para mulheres (FORTES et al., 2015; PELEGRINI et al., 2014), e homens tem como ideal um corpo mais forte ou mais volumoso (CARVALHO; FERREIRA, 2014; MENDIETA-IZQUIERDO, 2014; DAMASCENO et al., 2006).

Quanto à idade, existem duas fases consideradas críticas: a adolescência e o envelhecimento. Por um lado, a adolescência é um período da vida marcado por transformações no crescimento e desenvolvimento, que, por si só, levam à insatisfação com o corpo; enquanto as alterações decorrentes do envelhecimento afetam a maneira pela qual os idosos veem e sentem o seu corpo alterando a imagem corporal (PÓVOA et al., 2012; FIDÉLIX et al., 2011).

Os meios de comunicação, por sua vez, promovem a insatisfação com a imagem corporal à medida que expõe belos corpos, determina padrões que devem ser seguidos e provocam uma compulsão a buscar a anatomia ideal (JAEGER; CÂMARA, 2015; DAMASCENO et al., 2006). A procura intensa e incessante pela imagem corporal atraente e perfeita resulta na internalização de padrões irreais de beleza, e com isto tem-se um excesso de preocupação com a aparência física (MELLO; RECH, 2012).

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal caracterizado como descritivo correlacional, de análise quantitativa. Participaram da pesquisa 65 pessoas de ambos os sexos, da cidade de

Goiânia, cuja coleta de dados aconteceu nas dependências de uma Faculdade na região central do Brasil. Todas as pessoas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram atendidos os critérios de ética em pesquisa, permitindo aos participantes retirarem o seu consentimento a qualquer tempo, bem como, os participantes foram informados do seu direito de não participar deste estudo.

Para verificar a imagem corporal foi utilizada a escala de nove silhuetas, de Stunkard et al. (1983 apud CARVALHO; FERREIRA, 2014), e o Estado Nutricional foi mensurado a partir dos valores referentes ao peso e estatura para o cálculo do índice de massa corporal. Os dados foram tabulados e analisados com auxílio do programa Excel, considerando $p < 0,05$.

O instrumento adotado para esta pesquisa apresentava duas perguntas:

1. Na figura abaixo, circule de acordo com o seu sexo (Masculino ou Feminino), a maneira como você percebe o seu corpo e;
2. Na figura abaixo, circule de acordo com o seu sexo (Masculino ou Feminino), o modelo de corpo que você considera ideal.

Assim, na primeira pergunta, pretendeu-se identificar como as pessoas se veem atualmente, enquanto na segunda pergunta se procurou identificar qual é o modelo de corpo que as pessoas pesquisadas consideravam ideal. Desse modo, pretendeu-se identificar se existe diferença entre a percepção atual da imagem corporal e aquela considerada ideal por cada pessoa.

Além disso, procurou-se verificar a relação que existe entre a imagem corporal e o nível de Índice de Massa Corporal (IMC), para saber se existe algum nível de insatisfação ou satisfação com o padrão corporal das pessoas avaliadas.

Resultados e discussão

A Tabela 1 apresenta os resultados a partir da distribuição por sexo. A amostra foi composta por 29 (44,62%) homens e 36 (55,38%) mulheres, com média de idade de $27,92 \pm 9,93$ e $26,62 \pm 6,55$ anos respectivamente, com a faixa etária variando entre 18 e 54 anos. Assim, os dados se assemelham por aqueles apresentados por Costa, Torre e Alvarenga (2015), que apresentaram como faixa etária de seu estudo pessoas entre 18 e 50 anos, com média de idade entre homens de $29,1 \pm 6,7$ e mulheres de $32,5 \pm 8,5$, significando que em ambos os estudos apresentam média etária maior nas mulheres.

Tabela 1: distribuição por sexo do grupo pesquisado

Sexo	Freq.	%
Feminino	36	55,38
Masculino	29	44,62
Total	65	100,00

F = frequência absoluta; % = frequência relativa

A Tabela 2 aponta as médias encontradas nas variáveis relacionadas à idade, ao peso, à estatura e ao IMC. Quanto às variáveis peso e estatura, foi possível identificar diferença entre as médias alcançadas a favor dos homens apenas na estatura (m), com média de $1,66 \pm 0,08$, para as mulheres e $1,76 \pm 0,06$, para homens ($p < 0,05$). Já no índice de massa corporal (IMC), as mulheres registraram média superior ($23,79 \pm 3,89$) quando comparado aos homens ($22,63 \pm 2,90$). Também no estudo de Costa, Torre e Alvarenga (2015), o IMC dos homens apresentou média de $26,5 \pm 4,5$ kg/m²; enquanto as mulheres apresentaram valores de $24,0 \pm 4,4$ kg/m². No estudo de Jaeger e Câmara (2015), os valores encontrados de IMC foram de $23,17 \pm 3,91$ kg/m² em ambos os sexos, valor este muito próximo do encontrado como valor de ambos os grupos de $23,21 \pm 3,40$ kg/m².

Tabela 2: Perfil dos Participantes de acordo com o sexo em média e desvio padrão ($\bar{X} \pm dp$)

Parâmetros	Feminino	Masculino	Total
Idade (anos)	27,92±9,93 ^a	26,62±6,55 ^a	27,27±8,24
Peso (kg)	65,24±11,94 ^b	69,70±7,70 ^b	67,47±9,82
Estatura (m)	1,66±0,08 ^c	1,76±0,06 ^c	1,71±0,07
IMC (kg/m ²)	23,79±3,89 ^d	22,63±2,90 ^d	23,21±3,40

Para as variáveis expressas por a, b e d, não há diferença estatisticamente significativa ($p > 0,05$). Para c, há diferença estatisticamente significativa entre os sexos ($p < 0,05$).

A tabela 3 apresenta a comparação da percepção da imagem corporal atual e ideal em frequência relativa (%) e absoluta (f), entre sexos, a partir do valor atribuído (silhueta indicada no teste). Foi possível identificar que a maioria das mulheres (47,33%, f=17) atribuíram a silhueta 4 (indicada no teste) à sua percepção de corpo atual, enquanto a maioria dos homens (31,03%, f=9) apontaram a silhueta 2. Na percepção da IC ideal, 47,22% (f=17) das mulheres apontaram a silhueta 3, 62,07% (f=18) entre os homens. Não houve nenhuma resposta para as silhuetas 8 e 9, que correspondem a níveis mais altos de obesidade.

Este dado coincide com o estudo de Jaeger e Câmara (2015) o qual demonstra que as mulheres tendem a considerar como ideal os níveis de silhueta menores, apontando para uma tendência à magreza, enquanto os homens tendem a considerar ideais, valores mais altos.

Também, em seu estudo, Fortes et al. (2015, p. 254-255) comentam:

Pais, amigos e mídia reforçam esse padrão e destacam a aceitação social como um benefício derivado da magreza. A internalização do ideal sociocultural de corpo pode mediar a insatisfação corporal, que, por sua vez, influencia [...] adolescentes do sexo feminino, pois o corpo ideal destacado é, na maioria das vezes, inatingível.

O estudo de Pelegrini et al. (2014), demonstra que as mulheres apresentam insatisfação com a imagem corporal, a qual atinge até 73% das mulheres entrevistadas. Outro estudo comenta sobre a tendência de insatisfação corporal de homens e mulheres:

Existem diferenças quanto às preocupações com o peso e as formas corporais nos dois sexos. De maneira geral, mulheres procuram atingir um modelo de corpo magro, adotando comportamentos dirigidos para o emagrecimento – *drive for thinness* –, enquanto homens procuram um corpo com maior massa muscular, dirigindo sua atenção para a muscularidade – *drive for muscularity* (McCREARY; SASSE, 2000) (CARVALHO; FERREIRA, 2014, p. 277. grifos do autor).

Tabela 3: Comparação da Frequência e Percentual dos valores atribuídos de acordo com o Teste da Figura Humana considerando a Imagem corporal atual atribuída e a Imagem Corporal considerada Ideal de acordo com o Sexo dos participantes

Valor Atribuído	Percepção da Imagem Corporal Atual						Percepção da Imagem Corporal Ideal					
	Fem.		Masc.		Total		Fem.		Masc.		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
1	2	5,56	2	6,90	4	6,15	2	5,56	2	6,90	4	6,15
2	3	8,33	9	31,03	12	18,46	10	27,78	1	3,45	11	16,92
3	7	19,44	6	20,69	13	20,00	17	47,22	3	10,34	20	30,77
4	17	47,22	6	20,69	23	35,38	7	19,44	18	62,07	25	38,46
5	7	19,44	3	10,34	10	15,38	0	0,00	5	17,24	5	7,69
6	0	0,00	2	6,90	2	3,08	0	0,00	0	0,00	0	0,00
7	0	0,00	1	3,45	1	1,54	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Total	36	100,0	29	100,0	65	100,0	36	100,0	29	100,0	65	100,0
Moda	4	-	2	-	-	-	3	-	4	-	-	-

Freq. = frequência absoluta; % = frequência relativa

Quanto ao nível de satisfação, a Tabela 4 mostra que 21,54% estão satisfeitos com a imagem corporal, isto é, a silhueta marcada pelo participante como sendo a percepção do próprio corpo é a mesma que ele considera ideal. Enquanto isso, 47,69% (f=31) estão insatisfeitos por estarem acima do Peso (Insatisfeito Gordo = IG), ou seja, a percepção de corpo atual é maior do que aquela considerada ideal; e 30,77% (f=20) estão insatisfeitos por estarem abaixo do peso (Insatisfeito Magro = IM), no qual a percepção de corpo atual é menor do que aquela considerada Ideal.

Destaca-se ainda na tabela 4 o fato de que é possível identificar a diferença com o nível de insatisfação de acordo com o sexo. De acordo com os dados demonstrados, as mulheres demonstram insatisfação por se considerarem acima do peso considerado ideal. De acordo com a tabela 3, elas se veem predominantemente com a silhueta 4, mas consideram a 3 como ideal, conforme é expresso pela moda. Entre os homens, existe uma insatisfação com o peso por se considerarem magros. Os homens se veem predominantemente na silhueta 2 de acordo com a moda apresentada na tabela 3, e entendem que o ideal seria a silhueta 4 de acordo com a moda.

Tabela 4: Frequência e Percentual do Nível de Satisfação com a Imagem Corporal de acordo com a Percepção de Imagem Corporal Atual e a Imagem Corporal considerada Ideal de acordo com o Sexo dos participantes

Nível de satisfação	Fem.		Masc.		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Satisfeito	7	19,44	7	24,14	14	21,54
Insatisfeito Gordo	25	69,44	6	20,69	31	47,69
Insatisfeito Magro	4	11,11	16	55,17	20	30,77
Total	36	100,00	29	100,00	65	100,00

Freq. = frequência absoluta; % = frequência relativa.

Na análise por sexo baseada no percentual, a maioria das mulheres (69,44%, f=25) apontou insatisfação por excesso de peso, enquanto a maioria dos homens (55,17%) apontou insatisfação por magreza, confirmando os dados expressos pela moda na tabela 3. Confirmando, mais uma vez, os dados indicados por Carvalho e Ferreira (2014).

O IMC apresentado pelos pesquisados, na média, está dentro do perfil considerado eutrófico. Entre as mulheres, apenas nove (25,00%) estão acima do peso (sobrepeso e

obesidade), sendo que 26 (72,22%) se encontram em níveis de eutrofia, os quais, de acordo com Mendes; Simão e Baptista, (2007) apresenta IMC entre 18,5 e 24,9 kg/m². Entre os homens, apenas um (3,45%) está abaixo do peso (IMC < 18,5), enquanto, 82,76% deles se encontram com o IMC eutrófico. Em um estudo realizado por Simas, Macara e Melo (2014) com bailarinos profissionais, foi detectado que entre eles, 84,0% eram eutróficos, todavia, 61,8% deles estão insatisfeitos com a imagem corporal, sendo que do total, 45,3% o são por se considerarem com excesso de peso.

Os resultados indicaram que, de modo geral, mais da metade da amostra apresenta insatisfação com o seu corpo, corroborando com o estudo de Coqueiro et al. (2008), que buscaram verificar a associação entre insatisfação com a imagem corporal e dois indicadores de estado nutricional em universitários brasileiros. Os resultados demonstraram que a maioria dos indivíduos (78,8%) estava insatisfeita com a própria imagem corporal, no qual 49,2% apresentaram desejo de reduzir o tamanho da silhueta, enquanto que 26,6% desejavam aumentar (COQUEIRO et al., 2008).

Entretanto, a insatisfação com a imagem corporal não se associou ao sexo, exceto quando o grupo de insatisfeitos foi dividido de acordo com o “desejo de modificar o tamanho da silhueta”, no qual o qui-quadrado indicou maior proporção no sexo feminino ($p < 0,001$) para o desejo de reduzir as dimensões corporais, enquanto no sexo masculino existiu um desejo maior para aumentar ($p < 0,001$) (COQUEIRO et al., 2008; CARVALHO; FERREIRA, 2014; MENDIETA-IZQUIERDO, 2014). No presente estudo, o desejo de mudar a silhueta entre as mulheres é estatisticamente significativo ($p < 0,05$), considerando o interesse de reduzir a silhueta, embora, não haja diferença quando se compara a intenção de alterar a silhueta nos homens ($p > 0,05$), neste caso, com objetivo de aumentar a silhueta.

Em estudo sobre a IC em universitários em relação ao estado nutricional e o sexo realizado com 874 estudantes com idade média de 20,66±5,48 anos, a prevalência de insatisfação com a IC foi de 77,6%, sendo que homens apresentaram maior insatisfação por magreza enquanto que mulheres relataram maior insatisfação com excesso de peso, resultados semelhantes a este estudo (QUADROS et al, 2010). Observou-se associação entre a IC e o estado nutricional tanto para homens quanto para mulheres, apontando que a prevalência de insatisfação com a IC dos universitários foi elevada e apresentou-se associada ao sexo e ao estado nutricional (QUADROS et al., 2010), concordando com estudos feitos entre bailarinos profissionais (SIMAS; MACARA; MELO, 2014).

Mello e Rech (2012), ao verificarem a prevalência de insatisfação com a imagem corporal (IC) de acadêmicos de uma universidade privada do Sul do Brasil, também identificaram altos valores. Verificou-se que 58,2% dos universitários avaliados encontravam-se insatisfeitos com sua IC, indicando um resultado preocupante que conduzem a reflexões acerca de estratégias para aumentar a aceitação corporal desta população, visto que os mesmos trabalham diretamente com o corpo (MELLO; RECH, 2012).

As mulheres, de maneira geral, anseiam pela redução do tamanho da silhueta corporal, enquanto que a predominância nos homens é pelo desejo de ter um corpo mais forte e volumoso. Essa diferença nas preferências das silhuetas corporais entre homens e mulheres pode ser explicada pelo fato de as mulheres superestimarem a imagem corporal e os homens a subestimarem (COQUEIRO et al., 2008).

Considerações finais

Sobre o perfil da amostra, foi possível identificar que se trata de um grupo jovem, com estado nutricional adequado no qual a maioria são homens. Quanto à variável em questão, observou-se que a maioria da amostra está insatisfeita com sua imagem corporal, com predomínio da insatisfação por excesso de peso.

Na análise por sexo, mais da metade da amostra demonstrou insatisfação com o corpo na qual, em homens, estava relacionada com a magreza e, nas mulheres, com excesso de peso, quando se verifica o resultado total da amostra. Os estudos aqui apresentados comprovaram o registro de resultados semelhantes, permitindo a conclusão de que, no caso das mulheres, existe uma tendência a superestimar o peso, e nos homens, a subestimar.

Os resultados encontrados neste estudo ratificam a necessidade de ações de conscientização da população quanto aos riscos das distorções de imagem corporal. Portanto, fazem-se necessárias novas investigações com diferentes desenhos que visem contribuir com a literatura já registrada, e, principalmente, que superem as limitações identificadas nesta pesquisa.

BODY IMAGE ANALYSIS OF CUSTOMERS IN A BODY PRACTICES CENTER

Abstract

The search for the ideal body is linked to the dissatisfaction with the current body and has created irreversible problems in society. The aim of this study is to analyze the body image (BI) of practitioners in a body practices center. This is a cross-sectional, descriptive and correlational research that used the nine silhouettes scale of Stunkard *et al* (1983) for the measurement of the BI. It was observed that more than 70% of the participants are unsatisfied with the current body, in which, the majority (47,69%) is unsatisfied for being overweight. In the analysis by gender, women showed greater discontent than men ($p < 0,05$). This is a young sample, in which the majority has the desire to reduce their silhouettes in order to look more like the ideal body model.

Keywords: Body Image. Body practices. Adult.

ANÁLISIS DE LA IMAGEN CORPORAL DE LOS PARTICIPANTES DE UN CENTRO DE PRÁCTICAS CORPORALES

Resumen

La busca por el cuerpo ideal está relacionada a la insatisfacción con el cuerpo actual y ha generado problemas irreversibles en la sociedad. El objetivo de este estudio es analizar la imagen corporal (IC) de los participantes de un centro de prácticas corporales. Se trata de un estudio transversal, descriptivo y correlacional que utilizó la escala de nueve siluetas de Stunkard *et al* (1983) para medir la IC. Se observó que más de 70% de la muestra está insatisfecha con su cuerpo actual y, la mayoría (47,69%) está insatisfecha por el exceso de peso. En el análisis por sexo, las mujeres demostraron mayor insatisfacción en relación a los hombres ($p < 0,05$). Se trata de una muestra joven, en la que la mayoría tiene el deseo de reducir la silueta procurando aproximarse al modelo de cuerpo ideal.

Palabras clave: Imagen Corporal. Prácticas Corporales. Adulto.

Referências

BARROS, D.D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, v. 12, n. 2: p. 547-54, maio/ago. 2005.

CARVALHO, P. H. B.de; FERREIRA, M. E. C. Imagem Corporal em Homens: Instrumentos Avaliativos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30 n. 3, p. 277-285, jul./set 2014.

COQUEIRO, R. S.; PETROSKI, E. L.; PELEGRINI, A.; BARBOSA, A. B. Insatisfação com a imagem corporal: avaliação comparativa da associação com estado nutricional em universitários. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 30, n.1, p. 31-37, 2008.

COSTA, A. C. P.; TORRE, M. C. de M. D.; ALVARENGA, M. dos S. Atitudes em relação ao exercício e insatisfação com a imagem corporal de frequentadores de academia. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 453-64, jul./set. 2015.

DAMASCENO, V. O.; VIANNA, V.R. A.; VIANNA, J. M.; LIMA, J.R. P.; NOVAES, J. S. Imagem corporal e corpo ideal. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v. 14, n. 2, p. 81-94, 2006.

DAMASCENO, V. O.; LIMA, J. R. P. VIANNA, J. M.; VIANNA, V. R. A.;NOVAES, J. S. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 11, n. 3, maio/jun., 2005.

FIDELIX, Y. L. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes de uma cidade de pequeno porte: associação com sexo, idade e zona de domicílio. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 202-207, 2011.

FONSECA, C. C. **Esquema corporal, imagem corporal e aspectos motivacionais na dança de salão**. 2008. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

FORTES. L. de S. et al. Autoestima, insatisfação corporal e internalização do ideal de magreza influenciam os comportamentos de risco para transtornos alimentares? **Revista de Nutrição**. Campinas, v. 28, n.3, p. 253-264, maio/jun., 2015.

JAEGER, M. B.; CÂMARA S. G. Media and Life Dissatisfaction as Predictors of Body Dissatisfaction. **Paidéia, São Paulo**, v. 25, n. 61, p. 183-190, maio/ago. 2015.

LOVISOLO, H. Em defesa do modelo JUBESA (Juventude, Beleza e Saúde). In: BAGRICHEVSKI, M. et al (Org.). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau. SC: Nova Letra, 2006, p. 156-175, v. 2.

MELLO, G. T.; RECH, R. R. Insatisfação com a imagem corporal de acadêmicos de Educação Física. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**. São Paulo v. 6, n. 34, p. 233-241, set./out. 2012.

MENDES, M. M. M.; SIMÃO, R.; BAPTISTA, T. J. R. A Influência de Razão de Trocas Respiratórias no Exercício e seu Impacto no Metabolismo Lipídico. **Fitness and Performance Journal**, Rio de Janeiro, v. 06, p. 20-25, 2007.

MENDIETA-IZQUIERDO, G. Percepción de cuerpo e imagen corporal masculina: una revisión narrativa. **Cuadernos Hispanoamericanos de Psicología**, Bogotá, v. 14, n. 1, p. 17-30, jan./jun. 2014.

PEDRETTI, A. **Imagem corporal e Morfologia**: Estudo comparativo entre mulheres brasileiras e portuguesas praticantes de musculação. 2008. 120 f. Dissertação (Mestre em

Ciência do Desporto) - Universidade do Porto, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto, 2008.

PELEGRINI, A.; SACOMORI, C.; SANTOS, M. C.; SPERANDIO, F. F.; CARDOSO, F. L. Body image perception in women: prevalence and association with anthropometric indicators. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 58-65, 2014.

PÓVOA, T. I. R.. SANCHE, J. F. ; FRANÇA, L. N.; LIMA, S. S.; SILVA, T. C. D. da. Imagem corporal e estado nutricional de idosas praticantes de exercício físico. **Revista Movimenta**, Goiânia, v. 5, n. 4, 2012.

QUADROS, T. M. B. *et al.* Imagem corporal em universitários: associação com estado nutricional e sexo. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p.78-85, jan./mar. 2010.

RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, jan./jun. 2005.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

SIMAS, J. P. N.; MACARA, A.; MELO, S. I. L. Imagem corporal e sua relação com peso e índice de massa corporal em bailarinos profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 6, p. 433-437, nov./dez., 2014.

STUNKARD, A.J.; SORENSON, T. & SCHLUSINGER, F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In S.S. Kety, L.P. Rowland, R.L. Sidman, & S.W. Matthysse (Ed.) **The genetics of neurological and psychiatric disorders**. New York: Raven. p. 115-120, 1983

.....

Recebido em: 24/03/2016

Revisado em: 24/04/2016

Aprovado em: 30/05/2016

Endereço para correspondência:

tadeujrbaptista@yahoo.com.br

Tadeu João Ribeiro Baptista

Faculdade de Educação Física e Dança

Universidade Federal de Goiás - UFG

Campus Samambaia

Avenida Esperança s/n, Campus Samambaia- CEP: 74.690-900

Goiânia - Goiás - Brasil